



POLÊMICAS FOLHETINESCAS: LEITURAS POLÍTICAS DOS ROMANCES DE EUGÈNE SUE NO BRASIL OITOCENTISTA

Danielle Christine Othon Lacerda
Doutoranda em História Comparada
Universidade Federal do Rio de Janeiro
daniellelacerda@yahoo.com.br

Esta comunicação trata-se da análise sobre o papel social dos escritos do folhetinista francês Eugène Sue que circularam no Brasil em meados do século XIX. A temática polêmica de duas de suas principais obras catapultou o escritor à categoria de um dos mais populares e bem pagos romancistas da primeira fase do romance-folhetim. Neste trabalho, iremos repercutir a apropriação dos romances *Os Mistérios de Paris* e *O Judeu Errante*, traduzidos e publicados na cena local do Rio de Janeiro e na cidade do Recife no entre 1844 e 1850.

O tamanho sucesso foi marcado pelo surgimento de um fenômeno que instigou leitores comuns e a esfera intelectual e política. Tratando de temáticas socialistas, denúncias quanto às péssimas condições dos marginalizados parisienses e a ambição desmedida dos jesuítas da Companhia de Jesus, a recepção das duas obras provocaram reflexões, apropriação de ideias e debates polêmicos entre intelectuais e políticos.

Seguindo os rastros dos leitores dos romances em pauta deixados em jornais, revistas, livros e nos anais da Câmara dos Deputados, nossa intenção é perscrutar a construção de sentidos a partir do pensamento social presente nas duas obras. Para isto, colocamos luz na apropriação, bastante marcante, das ideias do escritor francês em duas situações: no desenrolar dos debates entre os principais interlocutores do movimento social que culminou com a Insurreição Praieira, na cidade do Recife e nos debates polêmicos em torno do papel dos jesuítas instalados na região do Caraças nas discussão na Câmara dos deputados no Rio de Janeiro.

Durante as minhas pesquisas para a dissertação do mestrado em que apresentei discuti a circulação e apropriação de romances-folhetins franceses na cidade do Rio de



Janeiro¹ (LACERDA, 2018), optei por aprofundar a análise comparando duas obras de ficção, *O Judeu Errante* e *Os Mistérios de Paris*, do mesmo autor francês, Eugène Sue por duas razões que me chamaram a atenção. Primeiro, pela perceptível popularidade entre os leitores brasileiros, repercutindo para além das opiniões literárias, chegaram no cotidiano e atingiram diferentes públicos de leitores.

E segundo, por terem sido o estopim de um fenômeno social que ultrapassou os limites da esfera literária e as fronteiras europeias. A mobilização das pessoas, leitores e não leitores, defensores e críticos, em torno destes romances extrapolou o campo literário, formado pela imprensa, as editoras, o comércio de livros, as práticas de leitura, e chegou até o cenário político e os debates em torno das dicotomias sociais na contemporaneidade não só parisiense, como alcançou as plagas de outros países além da Europa. Enquanto muitos leitores se entretinham com a narrativa vibrante, o engajamento político e ideológico do escritor, intencionalmente exposto nestas duas obras, atraíram um sem número de entusiasmados e de opositores que disputavam os espaços de sociabilidade e o engajamento da opinião pública.

Na obra inaugural, *Os Mistérios de Paris*, que marcou a “transformação” do pensamento do escritor para um viés mais socialista, Eugène Sue inovou ao introduzir em uma literatura de entretenimento tipicamente burguesa, a literatura de folhetim, personagens protagonistas que representavam os marginalizados da sociedade parisiense. Assassinos, prostitutas e operários repercutiam a dura realidade social nas páginas do folhetim, margeadas por uma perspectiva própria do escritor de um socialismo utópico.

No romance mais polêmico de Eugène Sue, *O Judeu Errante*, o escritor retomou uma antiga querela contra os jesuítas, além de ressaltar a sua ideologia de cunho social e denunciar as duras condições dos operários e das mulheres. É no enalço do fenômeno que se formou e nas polêmicas que as obras suscitaram na Europa que não se pode deixar de notar a intensidade com a qual as obras chegaram ao Brasil, traduzidas e disponíveis nas páginas dos jornais.

¹ Na dissertação de mestrado “Entre Crimes e Mistérios: uma análise comparada das dinâmicas de mercado nas apropriações de romances-folhetins franceses no Rio de Janeiro (1840-1860)” busquei entender as razões que levaram uma literatura estrangeira ter sido tão consumida e acolhida entre os leitores brasileiros, assim como as ficções de temática gótica que se faziam tão presentes entre as publicações folhetinescas. Uma possível leitura para entender os gostos dos leitores é articular o conteúdo da obra, as dinâmicas do mercado editorial e o contexto em que vivem os leitores.



Diante disto, neste trabalho destacamos a construção de sentidos do romance social de Eugène Sue à luz dos debates políticos. Para tanto, optamos por investigar e comparar dois momentos distintos, mas conectados pelas polêmicas originadas pelas ficções: a perspectiva do pensamento de Eugène Sue e de suas obras a partir da visão de representantes do Movimento Praieiro e o retorno da propaganda antijesuítica no Brasil a partir da leitura de *O Judeu Errante*, o romance é uma espécie de encruzilhada anticatólica de Eugène Sue.

A ideia desta comparação é compreender a leitura do conjunto de referências do imaginário social e liberal de Eugène Sue, claramente apresentadas nos romances *O Judeu Errante* e *Os Mistérios de Paris*, e como foram reapropriadas na arena de debates políticos para ressaltar interesses dos grupos em questão.

Deste modo, a compreensão desta construção de significados perpassa por uma abordagem que articula a produção literária, os suportes que carregam o texto e os agentes envolvidos em sua circulação. Para tanto, apoiamo-nos nos trabalhos de Robert Darnton e Henri-Jean Martin sobre o mercado do livro, os conceitos de apropriação, representação e práticas de Roger Chartier, a obra fundamental de Marlise Meyer para compreender o papel do romance-folhetim e de Eugène Sue no cenário global, presente nos textos de Jean Bory e Diana Cooper-Richet. Fundamental compreender também a noção de espaço público tratado de maneira esclarecedora por Marco Morel no que se refere à formação da opinião pública para afirmar e ressaltar interesses políticos, institucionais e ideologias, que ora se conectam, ora disputam espaço na sociedade.

Importante considerar que este trabalho é consequência da pesquisa da dissertação de mestrado e o ponto inicial para o desenvolvimento de uma pesquisa mais aprofundada sobre os debates políticos que giraram em torno dos romances sociais de Eugène Sue. Portanto, procuramos nesta comunicação, apresentar algumas notas da pesquisa em andamento e que marcam trilhas para o percurso a ser seguido.

Este trabalho se divide em 4 partes que sintetizam estas notas de pesquisa: na primeira seção, apresentamos um panorama dos romances publicados em folhetim, sua relevância no campo literário e editorial na França e para entender a acolhida do formato no Brasil. Também achamos importante traçar o perfil biográfico do escritor Eugène Sue para entender a construção de sua obra e as polêmicas em torno de si, para facilitar a



compreensão da apropriação e debates dos temas entre os cariocas e pernambucanos nestes debates polêmicos.

A segunda parte optamos por apresentar de maneira sucinta o enredo e a temática dos romances *Os Mistérios de Paris* e *O Judeu Errante* associados à construção do pensamento liberal de Sue para compreender a reação dos defensores do socialismo no movimento da Praieira em Recife, do retorno do debate antijesuítica e as críticas à obra de Eugène Sue. Já na terceira seção, iremos nos deter sobre as opiniões e críticas em torno da obra de Sue entre os principais representantes da Praieira. Para melhor situar o leitor, iremos apresentar uma síntese sobre a Insurreição Praieira, sua origem e personagens principais. E por fim, na última parte, iremos apresentar o intenso debate entre os deputados frente às polêmicas provocadas pelo romance *O Judeu Errante* em torno da retomada do antijesuitismo.

O romance-folhetim e o sucesso literário de Eugène Sue

Não é por acaso que Marlyse Meyer (1996, p. 64), ao se debruçar sobre o romance-folhetim, marca o surgimento deste modelo literário no ano de 1836 na França e sugere um ciclo de vida em três fases distintas, o seu nascimento e crescimento de 1836 a 1850, o seu apogeu que vai de 1851 a 1870 até o seu declínio de 1871 a 1914.

Se a sua origem está relacionada com a ascensão da burguesia francesa, à perspectiva econômica da literatura e ao auge do romantismo que irá revelar o seu papel social provocado pelas demandas sociais que impregnaram o discurso dos revolucionários franceses de 1848, o seu auge passa por uma mudança de percurso após um período de censura instituído por Napoleão III com receio do poder liberador que as temáticas sociais podem suscitar às massas. Nesta fase, o apego por enredos de aventuras, mistérios “rocambolescos” popularizam os romances de folhetim até que a guerra franco-prussiana que carrega para a morte até o seu mais popular escritor da segunda fase do folhetim, Pierre Posson du Terrail, pai do famoso herói, ao avesso, o ambíguo personagem Rocambole. A partir de 1871, o folhetim, ao lado do forte impacto da conscientização social culminada pela Comuna de Paris, o folhetim move novamente sua face para as condições sociais até o seu fim derradeiro com a I Guerra Mundial.



Os romances de Eugene Sue em pauta neste trabalho localizam-se na primeira fase do folhetim, no crescente da novidade que tanto impulsionou as vendas dos jornais franceses e que faria tanto sucesso nos jornais brasileiros. O romance-folhetim foi assim denominado para caracterizar um modelo literário próprio, construído e moldado a partir do seu suporte, o jornal.

Nos princípios do século XIX, tornaria popular nos jornais franceses um espaço geralmente localizado na parte inferior, o rodapé, da primeira e, por vezes, se estendia até a segunda página, que ficaria conhecido pela rubrica “feuilleton”. Destinado às trivialidades e ao entretenimento, o folhetim, como seria traduzido no Brasil, estava aberto às variedades e logo se achou uma utilidade mais rentável para o jornal.

Em meados de 1836, o conhecido editor Émile Girardin, ao tornar mais barato a tarifa do jornal popular que recém-lançado, logo percebeu a necessidade de aumentar as vendas para remunerar o periódico. A ideia de publicar romances fatiados logo se tornou um grande sucesso. Amealhando novos leitores e fidelizando o público com a fórmula do “*La suite au prochain numéro*”², a demanda por romances atraiu muitos escritores, entre conhecidos e desconhecidos, que aprenderam a moldar a sua literatura ao formato ágil, veloz e curioso da imprensa.

Eugène Sue já era um romancista conhecido na França. Nascido em 1804, confortavelmente no meio social da burguesia parisiense, teve como madrinha em seu batizado ninguém menos do que a imperatriz Josefina de Beauharnais, então esposa de Napoleão Bonaparte, e como padrinho, seu filho Eugène de Beauharnais, de quem os pais de Sue se inspiraram no nome em homenagem aos ilustres protetores. Esta proximidade com a família imperial tem origem na atuação do pai de Eugène Sue, Jean-Joseph Sue II, como médico-chefe da marinha de Napoleão. Seguido a profissão de seu pai e de seu avô, Eugène Sue estudou medicina para atender aos anseios de seu pai.

Durante seus estudos, o jovem Sue foi aceito na marinha francesa para ser o médico cirurgião da tropa. O que Sue talvez não esperasse é que esta fase iria recheiar a sua mente com um novo mundo. Transportado para aventuras reais em lugares exóticos,

² “Continua na próxima edição” (tradução nossa). Esta expressão era comumente utilizada ao final de cada capítulo para indicar que a narrativa teria continuidade na próxima edição do jornal. Como estratégia, normalmente o corte era abrupto no meio de uma ação que pudesse causar curiosidade expectativa no leitor. Nos jornais brasileiros, a expressão utilizada com este mesmo sentido era a palavra “continua”.



América, Ásia e as Antilhas e a vivência em batalhas em alto mar, o olhar observador de Sue logo fornecia material suficiente para escrever seus primeiros romances (BORY, XXX).

Com um estilo ágil e cativante inspirado nas narrativas de Walter Scott, os primeiros romances de Sue na década de 1830 marcariam a sua autoridade como romancista, mergulhou em aventuras com personagens perturbadores e discutia-se a imoralidade e a perversidade humana, mesclados a um certo grau de exotismo e cenas sangrentas de batalhas navais.

Dono de uma imensa fortuna deixada pelo seu pai, Eugène Sue dedicava-se à escrita e ao cultivo de um *savoir vivre* burguês, frequentador assíduo dos salões da alta burguesia, do Jockey Club e dos boulevards, personificado no estilo de *dandy* que ajudou a dilapidar a sua herança ao longo dos anos. É numa época em que parece reavaliar muitos de seus valores e perspectivas sobre o mundo a sua volta que Sue muda gradativamente o pano de fundo de seus romances.

O início da década de 1840 iria determinar o destino do jovem escritor. Com dívidas que corroíam o que restou de sua fortuna, Eugène Sue parecia passar por uma crise da meia idade, como sugere um de seus biógrafos Jean Bory (1962). Próximo dos 40 anos, solteiro, com uma imagem de *dandy*, vaidoso e conquistador ia sendo corroída pelo início da obesidade. Nesta fase, apareciam romances de costumes que ressaltavam temas polêmicos à época, a exemplo do divórcio.

Iremos reencontrar este mesmo efeito em seu impactante *Os Mistérios de Paris*. O realismo social alçado às alturas representa este universo reveste a obra por meio de seus personagens, de sua linguagem e de seu modo de ser. Embora a obra conte com personagens quase fantásticos, como o herói que parece nunca morrer, a narrativa segue sob o olhar crítico sobre a difícil realidade da maioria da população parisiense, estes invisíveis para sociedade burguesa. Nesta obra de cores vívidas, dá voz a toda uma marginalidade e mostra com vigor as condições degradantes às quais eram submetidas esta grande parte da população.

Esta surpresa e entusiasmo é ainda visto entre seus pares, como se observa na obra *A Última Palavra de Rocambole*, obra de outro popular escritor da geração seguinte dos folhetins (MEYER, 1996), Ponson du Terrail, famoso pela saga da personagem



Rocambole. Iniciado em 1857, as narrativas centradas nas aventuras de Rocambole se desenrolam nos jornais até 1870, sim, porque como o próprio nome nos remete, no enredo de Rocambole é um novelo que se enrola cada vez que é lançada uma nova ficção.

Para ficar mais claro, a saga de Rocambole transfigura a imagem do herói justiceiro da Paris Haussmaniana. Pilantra, inteligente e oportunista que conseguiu sair do submundo para transitar na alta sociedade. A dissimulação era sua arma contra o crime. O herói errático conquistou os leitores por mais de uma década, alçando o escritor à categoria dos grandes folhetinistas oitocentistas. No Brasil, o herói popular figurou constantemente nos jornais e nas prateleiras das livrarias.

Na edição de *A última Palavra de Rocambole*, Ponson faz uma comparação com a maneira que Eugène Sue havia concebido seus personagens em *Mistérios de Paris* com a sua própria construção de Rocambole. Dada a conhecida biografia de Eugène Sue que não deixa dúvidas sobre a sua origem burguesa e sua vivência na alta sociedade parisiense, seria quase inconcebível imaginar que o escritor tirou de sua imaginação referências tão reais daquela classe de operários, pobres e criminosos invisíveis para a classe burguesa. Isto apenas seria possível se o escritor tivesse a audácia de conviver com estes miseráveis. E com este pensamento Ponson relata, com total desconfiança da narrativa que circulava em Paris, de que Eugène Sue saia escondido de uma propriedade no boulevard para atravessar a Ile dela Cité, em direção aos bairros mais pobres, encoberto pela escuridão da noite, em trajes de operário para não passar despercebido e poder conviver com este público que tanto o entusiasmou.

Os romances polêmicos de Eugene Sue entre os intelectuais da Insurreição Praieira

Com o restabelecimento da monarquia, restava a centelha de rebeldia que se perpetuava no sangue dos pernambucanos e na memória dos movimentos revolucionários de 1817 e 1824 ainda bastante presentes. O movimento da Praia culmina uma rivalidade entre conservadores e liberais muito mais arraigada às disputas econômicas e políticas internas e de contendas de cunho social. Segundo um dos grandes estudiosos do movimento, Amaro Quintas (1954, p. 135), "a Praieira foi mais uma resultante dêsse



estado de desequilíbrio econômico-social, dessa insatisfação existente no meio da massa, do que mesmo um movimento provocado por causas meramente políticas".

O início da década de 1840 foi marcado pelo domínio do poder político e econômico pernambucano da oligarquia das famílias Rego Barros e Cavalcanti, representada pelo então governador Francisco Rego Barros, o futuro barão da Boa Vista, e os irmãos Cavalcanti, eleitos senadores, que faziam frente à política conservadora. Essa espécie de "bastilha", no dizer de Gilberto Freyre, um "castelo", na expressão do opositor Lopes Gama, administrado por um pequeno grupo de proprietário de largas extensões territoriais, incomodavam um grupo de liberais que se utilizavam do espaço público da imprensa para fazer uma ferrenha oposição à situação que se perpetuava na província.

Esta disputa pelo domínio político é, para Amaro Quintas (1954) uma causa aparente do movimento da Praia, visto que as principais questões denunciadas pelos praieiros recaíam nas consequências sociais do domínio de grandes propriedades de terras por um pequeno grupo que formava a aristocracia rural e dominada por Rego Barros-Cavalcanti. Uma das importantes vozes do movimento, Antonio Pedro de Figueiredo acusava em seu periódico *O Progresso* que os habitantes da região litorânea da província se encontravam em uma situação opressora que não conseguiam escapar. Os donos dos latifúndios deslocavam para uma pequena parcela de seu território, visto que a maior parte não era utilizada, trabalhadores que não tinham garantias de permanência, sempre com o risco de ser mandado embora. Junta-se a isto, a recusa por parte dos proprietários de não vender a parte utilizada para pequenos produtores, resultando uma migração para o centro da cidade.

E' isso o que faz que a população improdutiva das cidades, a classe dos solicitadores de empregos publicos se augmente todos os dias, que os crimes contra a propriedade se tornem mais frequentes e o paiz se empobreça de dia em dia, em consequencia do aumento do número dos consumidores, no entanto que o dos produtores permanece estacionário; ou ao menos não cresce senão em proporção muito mais lenta." (FIGUEIREDO, apud QUINTAS, 1954, p. 135)

Ora, no centro da Cidade do Recife encontrava-se uma outra situação que parecia impedir o desenvolvimento social da população local. O predomínio de proprietários e



trabalhadores estrangeiros no comércio local impedia que a massa improdutiva se inserisse no mercado de trabalho. Neste sentido, crescia um sentimento de indignação "contribuia imenso para tôda essa situação de desajustamento, que existia na província, refletindo-se na insatisfação das massas, traduzida por uma surda hostilidade à aristocracia rural, e manifestando-se, no meio urbano, pela repulsa mais completa, ao elemento estrangeiro principalmente ao português" (QUINTAS, 1954, p. 134).

Esta feição social fermentou o debate político e aqueceu as críticas nos periódicos oposicionistas, como O Sete de Setembro de Lopes da Gama, o Diário Novo, órgão de combate do partido dos praieiros (SODRÉ, XXX) e a revista O Progresso de Antonio Figueiredo. Este ambiente de insatisfação entre intelectuais e trabalhadores correspondia a propagação das novas tendências do socialismo que chegava da Europa que alcançava esta elite intelectual. Estes princípios socialistas, de uma fase anterior ao marxismo, eram representado pelas ideias difundidas na França de Saint-Simon, Fourier, Considerant que refletiam sobre maneiras mais eficientes de partilha dos resultados da industrialização entre os proprietários e a massa de trabalhadores.

Chacon (1981, p. 18) recorda-nos do grande interesse pela cultura francesa como uma maneira de se opor ao domínio português "festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por diferentes motivos...". O que não nos surpreende a acolhida e a propagação das ideias socialistas entre a elite intelectual. Portanto, não era incomum encontrar anúncios em lojas livros relacionados às ideias socialistas, como no anúncio da Livraria da Equina do Collegio, publicado na edição 197 do Diário de Pernambuco no dia 5 de setembro de 1845 que divulgava títulos como: "Vida, e theoria de Carlos Fourier, por C. Pellarin, doutor em medicina", "Os Meninos no Phalasterio; dialogo familiar sobre educação" "Tres discursos, pronunciados pelos Srs Dain, Considerant e d'Izalquier" e "Exposição abreviada do systema phalasteriano de Fourier, por Victor Considerant" entre outros.

A chegada do engenheiro francês Louis-Léger Vauthier contratado pelo governo de Rego Barros com a missão de modernizar a capital, trazia em sua bagagem livros, revistas que tratavam de ideias sociais e reformadoras, logo compartilhadas com Antônio Pedro de Figueiredo e Antonio Borges da Fonseca, liberal e reacionário que foi à frente da batalha com armas em mãos, ambos figuras fundamentais para o movimento Praieiro.



Embora estivesse ligado a um governo conservador, Vauthier e mais dois engenheiros de sua comitiva, Augusto Milet e Vitor Boulitreau, deixaram em Pernambuco resquícios desse espírito socialista de bases fourierista. Nos seus poucos anos em permanência no Brasil(1), pode compartilhar suas ideias, contribuindo, inclusive, na revista O Progresso de Figueiredo.(1) Vauthier chegou em Pernambuco em 1840 e retornaria a França em 1846, com destaca Antônio de Figueiredo na revista O Progresso de 19 de novembro de 1846 apud CHACON.

A revista O Progresso foi um importante veículo de combate, comandado por Antônio Figueiredo. O periódico circulou de 1846 a setembro de 1848, ano de eclosão da Insurreição Praieira e marcou, com maior profundidade, o seu posicionamento em relação aos privilégios dos grandes proprietários de terra e o "o sofrimento social, proveniente da incoerência das relações que ora existem entre os homens, como produtores, distribuidores e consumidores" (FIGUEIREDO, apud CHACON, 1981, p. 83). Assim, em tom de denúncia, Figueiredo mantinha uma linha editorial que claramente se posicionava numa batalha entre capital e trabalho, em moldes franceses. Enquanto em Pernambuco se lutava contra uma aristocracia rural, resquícios de um Brasil "semifeudal", nas palavras de Vamireh Chacon, impedia o progresso e o desenvolvimento interno por dificultar o acesso ao trabalho e a pequena propriedade aos locais. Já na França, a grande massa vivia na miséria e os operários mantidos em condições desumanas no interior das fábricas, enquanto os grandes industriais, reduzidos a uma pequena parcelas da burguesia privilegiada, detentora dos meios de produção e do capital seriam motivos suficientes para o levante de 1848, guiados pela ideologia do movimento revolucionário socialista francês.

Foi na efervescência destes debates que os dois romances de Eugène Sue, Os Mistérios de Paris e O Judeu Errante, fariam parte do imaginário ideológico dos intelectuais da praieira, principalmente entre aqueles que contribuíram para a revista de Figueiredo. O sucesso memorável das duas ficções entre os leitores parisienses alcançou os estratos mais elevados da sociedade e às camadas mais populares que se viam representadas por aquelas personagens tão bem retratados em suas angústias, injustiças, maldade e ambição. O tamanho impacto destas duas obras de Eugene Sue haveria de se tornarem os maiores exemplares da "literatura industrial", expressão utilizada de maneira



pejorativa pelo crítico literário Sainte-Bouve ao criticar esse tipo de literatura escrita às pressas e sem cuidado apenas para atender os anseios do público-leitor e aumentar as receitas dos editores.

No período em que o romance *Os Mistérios de Paris* veio a público de maneira seriada no *Jornal do Commercio*, pela primeira vez traduzido para o português, logo deixaria marcas de um fenômeno que iria se estender para outras regiões. O interesse, talvez muito mais pela curiosidade dos leitores comuns pela sua reconhecida popularidade na França, do que especialmente os princípios de uma ideologia socialista traçada em seu romance, como veremos entre os intelectuais da praieira.

Se na França a realidade retratada aproximava uma massa de novos leitores que se viam reconhecidos entre aqueles personagens, trabalhadores pobres, divorciados, prostitutas, criminosos, no Brasil os leitores se deleitavam com as aventuras do protagonista, o príncipe Rodolpho, no papel de um justiceiro mascarado que embarca no submundo parisiense na tentativa de confrontar a miséria e fazer uma reforma social. O sucesso do folhetim é sentido pelo *Jornal do Commercio* logo algumas semanas depois do seu lançamento. Na edição do dia 27 de setembro de 1827, o redator do *Jornal do Commercio* precisou acalmar os ânimos e se justificar perante o público o atraso de dois dias sem publicar dos capítulos do romance ao afirmar que "esta falta valeu nos muitas reclamações e queixas da parte dos nossos assignantes. Estas queixas filhas sem duvidas do extraordinário interesse com que tem sido acolhido os *Mysterios de Paris*"

Embora as polêmicas em torno dos jesuítas tenham se sobressaído em uma nação católica com o Império Brasileiro, o *Judeu Errante* marcava, fortemente, a ideologia de Eugene Sue. Escrito no embalo do sucesso de *Mistérios de Paris*, o romance tinha como pano de fundo as realidades sociais dos trabalhadores, das mulheres operárias, as falhas das instituições que permitiam as injustiças sociais. Em todo o romance, Sue apresenta uma pauta de propostas de reforma social. No entanto, seu intuito não seria estabelecer uma ordem igualitária entre classes, mas de criar um mecanismo que pudesse conciliar os interesses dos industriais e dos trabalhadores (LACERDA, 2018).

Neste ínterim, o pensamento social de Eugène Sue já era conhecido e circulava nas páginas dos jornais, nas livrarias e entre conversas e debates políticos. Em 19 de dezembro de 1844, jornal da praieira, o *Diário Novo*, publicava frequentemente vários



anúncios para venda da edição traduzida do romance *Os Mistérios de Paris*: "Em casa de Avral Irmãos - os muitos celebres e admiráveis misterios de Paris, obra interessante, nitida impressão, traduzida e publicada em português no Rio de Janeiro em casa de J. Villeneuve & C^a". Interessante notar neste anúncio que se tratava da edição traduzida publicada na tipografia de Junius Villeneuve, a mesma tipografia do *Jornal do Commercio*. Esta era uma prática comum na França e replicada pelas grandes tipografias fluminenses, de publicar um folhetim e a depender da aceitação, republicar o texto em livro.

Entretanto, o sucesso do escritor francês atraiu também diversos críticos quanto às suas ideias e à sua maneira de escrever. na edição nº 1 da revista *O Progresso* do ano de 1846 encontramos um artigo que defende de modo ferrenho as críticas proferidas por José Rodrigues Nunes Filho, no artigo "Algumas palavras sobre Eugenio Sue" publicadas no jornal baiano *O Mosaico*. Em respostas às críticas infundadas ao escritor francês, o autor cita:

As duas últimas obras do Sr. Eugene Sue, além do merito litterario , que não pouco ha contribuido a exaltar a reputaçã do autor, são inspiradas por ideias philosophicas puras e elevadas, e respiram um generoso sentimento em pró das classes oprimidas, e uma nobre tendencia para as reformas sociaes, cousas estas que, posto que não devam dar ao autor o privilegio da inviolabilidade, todavia impoem á crítica o dever de ser para com elle seria e benevola (*O Progresso*, 1846, p. 95).

Debates políticos, antijesuitismo e O Judeu Errante

A Companhia de Jesus foi criada pelo padre Inácio de Loyola em 1550 com o objetivo de disseminar a fé católica e desenvolver a educação em locais desconhecidos. Com a sua expansão e o crescimento do poder nestas regiões provocaram suspeitas sobre as reais razões dos jesuítas. Com o receio do crescente domínio de territórios, a ordem dos jesuítas foi expulsa da França e de várias nações católicas, tal como na então em Portugal e de suas colônias em meados do século XVIII, tendo sido suprimida oficialmente em 1773 pela Igreja Católica, por ordem papal.



Entretanto, a ordem dos jesuítas continuou a existir, refugiados no império da czarina russa Catarina II, a Grande³. Contudo, com o fim do período napoleônico e a Restauração das monarquias católicas, a ordem foi restabelecida em 1814 pelo papa Pio VI. Entre apoiadores católicos e críticos, o fato é que o ensino laico francês voltava ao controle dos jesuítas. Estes debates repercutiam no espaço público e a temática antijesuítica viria a compor um novo sucesso literário de Eugène Sue, *O Judeu Errante*. Publicado na sequência de *Mistérios de Paris*, conseguiu, senão superar, causar alvoroço ainda maior a faz coro com os opositores dos jesuítas. O romance foi publicado em folhetim entre os anos de 1844 e 1845.

Além da forte oposição aos padres, Eugène Sue não apenas reforça o seu pensamento socialista denunciando as injustiças sociais como propõe reformas sociais. O enredo principal se desenvolve em torno do padre Rodin, jesuíta da Companhia de Jesus, representando como um homem vil e ambicioso que faria de tudo para roubar a herança da família Rennepont. Como pano de fundo, o escritor iluminava as questões mais críticas da classe operária, como as péssimas condições de trabalho nas indústrias, os baixíssimos salários, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, a questão do suicídio como única saída para a miséria e outras questões sociais.

Contudo, as polêmicas mais emblemáticas do romance foram sem dúvida as acusações de Eugène Sue contra a Companhia de Jesus. O romance chega ao Brasil pela primeira vez, quase simultâneo com a publicação na França. Publicado no *Diário do Rio de Janeiro* entre 1845 e 1846 a ficção logo faria parte dos espaços públicos.

A questão dos jesuítas era um tema já conhecido no Brasil quando *O Judeu Errante* foi publicado no periódico do *Rio de Janeiro*. Em maio de 1828, na Câmara dos Deputados, foi apresentada uma proposta do deputado Almeida Albuquerque para proibir a vinda de novos padres e corporações religiosas do estrangeiro. Nesta mesma discussão, o deputado e bispo do Maranhão se colocava contra esta proibição, ao passo que o deputado Custódio Dias não queria ver os jesuítas em seu território. De modo geral, os jesuítas não eram bem-vindos no Brasil, engrossando o caldo da desconfiança quanto às suas reais intenções

³ PEDRO, Livia. História da Companhia de Jesus no Brasil: biografia de uma obra. (dissertação). UFBA. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br>> Acesso em: 15/09/2017.



Os jesuítas da Serra do Caraça, em Minas Gerais, mantinham suas atividades missionárias e educativas até que em 1845, os parlamentares retomam a discussão sobre a presença dos padres nesta região. Parece que a obra de Eugène Sue que estava sendo publicada recentemente, suscitou o debate, pois na sessão da Câmara de 25 de junho, iniciou-se uma discussão sobre uma solicitação dos jesuítas de serem dispensados de atender os artigos 79 e 80 do Código Criminal de 1830. A proposta era permitir que os padres devessem obediência apenas ao seu superior geral da corporação em Paris para que pudessem chegar novos missionários. No entanto, as discussões concluíram que a ordem deveria seguir a lei que obrigava as instituições obediência ao governo imperial.

Durante estes debates até chegar a sua conclusão, vários pontos foram abordados para justificar apoio ou oposição. Para o deputado Rodrigues dos Santos destacava que a congregação não era regularizada e por isso o governo não tinha conhecimento das motivações desta missão. E suspeitava, portanto, de que esta missão fizesse parte da Companhia de Jesus, que "tanto mal fez em seculos anteriores"⁴.

A construção de sentidos a partir da leitura d'O *Judeu Errante* é vista na fala do deputado liberal Rodrigues dos Santos, durante a sessão de 17 de junho de 1845, ao demonstrar preocupação quanto as opiniões fomentadas por Eugène Sue:

Conheço que o *Judeu Errante* está em moda, não tenho dificuldade, nem me envergonho de confessar que as ideias propagadas nesse livro cheio de espirito e erudição têm feito impressão em mim, e não hesito em declarar que em minha opinião o autor do *Judeu Errante* tem feito e ha de fazer muitos beneficios á humanidade⁵.

Rodrigues Santos então questiona se alguém leu o romance e conhece os fatos “podem negar a maligna influencia dessa sociedade?”⁶. Por outro lado, a defesa dos jesuítas do Caraças é feita pelo cônego José Antônio Marinho, deputado de Minas Gerais ao afirmar que um dos colégios administrados pela congregação estava parado por falta

⁴ Sessão de 17 de junho de 1845. *Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs. Deputados, segundo Anno da sexta legislatura. segunda sessão de 1845 tomo 1.* Rio de Janeiro: Typographia de Hippolito J. Pinto, 1881, p. 212-213

⁵ Sessão de 17 de junho de 1845. *Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs. Deputados, segundo Anno da sexta legislatura. segunda sessão de 1845 tomo 1.* Rio de Janeiro: Typographia de Hippolito J. Pinto, 1881, p. 213

⁶ *Idem.*



de padres sendo necessária a vinda de novos jesuítas estrangeiros para dar continuidade à missão.

Não satisfeito, o deputado Álvares Machado afirmava que havia sido um leitor *O Judeu Errante* e que estava "convencido de que os jesuítas são capazes de praticar essas atrocidades" como apresentado no romance de Eugène Sue os assassinatos praticados pelo jesuíta no romance e quem sabe até a denúncia de envenenamento do próprio escritor.

Deste modo, fica claro que os jesuítas carregavam uma imagem negativa, ainda mais disseminada pela obra de Eugène Sue. A apropriação de suas ideias pode ter influenciado na votação parlamentar por negar a solicitação dos jesuítas, como destaca o parlamentar Álvares Machado sobre as opiniões neste debate de que "pode muito bem ser que paixões da época, circunstâncias estranhas, odios dos contrários, intervenhão nessas acusações"⁷.

Considerações finais

Como pudemos notar, as polêmicas obras de Eugène Sue constituíram um fenômeno social por extrapolar o campo literário, alcançar os debates políticos e provocar questionamentos sobre a realidade social de uma massa marginalizada.

Relegado à categoria de escritores desconhecidos para o grande público neste século, exilado ao grupo da literatura de "segunda linha" pela crítica literária que se pautava pela estética, pelo estilo cuidadoso e formal. O desprezo por Sue é em parte compreensível. Dono de uma falta de estilo, de uma escrita veloz e pouco cuidadosa, inerente ao modelo literário do folhetim, é o que caracteriza o estilo literário de Eugène Sue que sacrifica a formalidade estética em razão da narrativa vigorosa e ao enredo, com bem destacou Jean-Louis Bory (1962).

Estas notas de pesquisa tentaram traçar um panorama da apropriação da obra de Sue dentro das discussões políticas que percorreram a década de 1840. Esta breve comparação foi uma tentativa de adentrar no pensamento que permeou a sociedade oitocentista, mesmo que focalizando o cenário político.

⁷ Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs. Deputados, segundo Anno da sexta legislatura. segunda sessão de 1845 tomo 1. Rio de Janeiro: Typographia de Hippolito J. Pinto, 1881, p. 228-229.



Se em Recife a obra de Eugéne Sue esteve alinhada com a ideologia socialista da elite intelectual que movimentou as críticas sociais no debate público da imprensa culminando no movimento rebelde Praieiro; no Rio de Janeiro, o sentimento antijesuítico, historicamente presente no imaginário ganhou um novo impulso com a construção do mal por trás da personagem perversa representada pelo padre Rodin da Companhia de Jesus. Os debates na Câmara dos deputados é só um pequeno recorte da dimensão tomada pelo romance que iria incomodar padres como o deputado liberal Sacramento Lopes Gama que não pudemos abordar nesta comunicação por questão de espaço.

Por fim, estas notas são trilhas que iremos tomar para aprofundar sobre o perfil dos atores deste cenário ora apresentado, assim como tentar compreender até onde a leitura deste pensamento social alcançou entre os leitores das camadas mais populares no Brasil para tentar entender o panorama do pensamento social em um Brasil ainda escravista.

REFERÊNCIAS

Fontes

Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs. Deputados, segundo Anno da sexta legislatura. segunda sessão de 1845 tomo 1. Rio de Janeiro: Typographia de Hippolito J. Pinto, 1881

MACEDO, Joaquim Manoel de. Os Romances da Semana. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria de B.L. Garnier, 1873.

O Progresso, n. 1, 1846

Diário Novo, 19/12/1844

Bibliografia

BORY, Jean-Louis. Eugéne Sue, dandy mais socialiste. Paris: Hachette, 1962. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100009&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 02 Out. 2020.

<file:///C:/Users/danie/Downloads/11636-33209-1-SM.pdf> Eugène Sue, o esquecido rei do romance-folhetim



CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São da UNESP, 1999.
CARVALHO, Marcus J. M. de. Os nomes da revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo , v. 23, n. 45, p. 209-238, Julho 2003.

DOMINGOS, Simone Tiago. *POLÍTICA E RELIGIÃO: repercussões da polêmica sobre o retorno dos jesuítas ao Brasil durante o Segundo Reinado (1840-1870)*. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281160/1/Domingos_SimoneTiago_D.pdf Acessado em: 12 jun 2020.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. O Que liam os cariocas no século XIX? <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2053-1.pdf>

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. *LIVROS E SOCIEDADE: A FORMAÇÃO DE LEITORES NO SÉCULO XIX*. Revista Teias. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23822/16803>

LACERDA, Danielle Christine. *Entre Crimes e Mistérios: uma análise comparada das dinâmicas de mercado nas apropriações de romances-folhetins franceses no Rio de Janeiro (1840-1860)*. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

MEYER, MARLISE. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia hist.*, Belo Horizonte , v. 26, n. 44, p. 591-617, Dez. 2010 Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010487752010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 02 Out. 2020.

QUINTAS (Amaro) . — *O sentido social da Revolução Praieira (Ensaio de interpretação)*. São Paulo. 1954. *Revista USP*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/36396/39117> Acessado em: 25 jul. 2020.

SAINT-BEAUVE. *De la littérature industrielle*. *Revue des Deux Mondes*, Paris, v.XIX, p.675-691, julho-setembro de 1839.